



**Universidade Federal do Amapá  
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação  
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia  
Disciplina: Fundamentos da Filosofia  
Educador: João Nascimento Borges Filho**

**Aristotelismo no Século XX**

**Fernando Santoro**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**

Aristóteles é sem dúvida um dos filósofos mais presentes no séc. XX, seja pelas profundas transformações ocorridas nos estudos de suas obras e na interpretação de seu pensamento, seja pela influência direta na formação e discussão das principais correntes de filosofia contemporâneas, entre as quais a fenomenologia, a filosofia analítica, o pragmatismo, o neotomismo e a nova retórica, para citar apenas algumas das correntes onde as fontes aristotélicas das questões e dos métodos são evidentes.

Do séc. XVII até o séc. XVIII, o pensamento de Aristóteles havia sido interpretado pela Segunda Escolástica Tomista, a base filosófica da Contra-Reforma, dentro de um sistema de questões e respostas em que o filósofo tornara-se um dos pilares da filosofia cristã e do ensino universitário europeu, mas também o alvo predileto da filosofia moderna que se pretendia não dogmática. O Iluminismo, a Nova Ciência, a Filosofia Crítica só salvavam em Aristóteles a sua lógica. No Brasil esta influência exerceu-se por vias jesuíticas sobre a formação da maioria dos cursos de filosofia (segundo um programa denominado *Ratio Studiorum*) até o séc. XX, inclusive na fundação da Universidade do Brasil. Tratava-se de um Aristóteles latinizado, cujas expressões traduzidas em conceitos chaves marcaram os principais problemas da metafísica: as quatro causas, a substância, a equivocidade e analogia do ser, a filosofia primeira entendida como teologia etc.

A partir do final do séc. XIX, na Alemanha, Aristóteles começa a ser estudado fora do contexto católico-tomista, e menos intermediado pelo latim. Para isto contribuíram a edição de suas obras completas por I. Bekker e todo o



empenho da ciência filológica e do espírito helenizante do Idealismo Alemão. Já Hegel observava um caráter mais especulativo e menos dogmático nos textos do Filósofo, nas suas Preleções sobre a história da Filosofia (1805-1830). Uma polêmica entre o filósofo de inspiração escolástica Franz Brentano e o filólogo e historiador da filosofia Eduard Zeller, que contestava a atribuição a Aristóteles das teses da criação e imortalidade pessoal da alma, é um dos exemplos que marcarão o despertar das discussões interpretativas do aristotelismo no séc. XX.

Revirando as bases da interpretação escolar, A obra de Werner Jaeger de 1923, *Aristóteles: bases para a história do seu desenvolvimento intelectual*, minará a ideia mesma de um sistema dogmático fechado, abrindo as vias para o redimensionamento de todas as principais questões do Filósofo, posto que se provava uma transformação das suas concepções ao longo de diversos momentos de investigação, interpretados segundo uma proximidade maior ou menor da teoria platônica das ideias. Destaca-se nesta via o trabalho de P. Aubenque, *O problema do ser em Aristóteles* (1962), que levanta a tese de as investigações ontológicas dos livros da *Metafísica* serem essencialmente aporemáticas, desenvolvendo e aprofundando as questões fundamentais da plurivocidade do ser e da determinação de um primado do ente como ente sem alcançar respostas conclusivas, ficando muito longe de uma doutrina completa e de um sistema integrador de todos os campos de investigação do real.

Outra referência nas transformações dos estudos aristotélicos passa a ser o problema da determinação de uma metodologia Aristotélica, a partir da obra de Jean Marie Le Blond, *Lógica e método em Aristóteles*, de 1939. A obra acendeu nova polêmica com a perspectiva tradicional, representada por A. Mansion, de Louvain, por separar os diversos métodos de investigação nos diferentes domínios dos escritos do Filósofo (éticos, físicos, biológicos etc.) problematizando a perspectiva que se tinha até então de uma exclusividade dos métodos científicos indutivo e dedutivo, tais como foram expostos nas obras: *Primeiros Analíticos* e *Segundos Analíticos*, do *Organon*. De grande importância para estes estudos foram os Simpósios Aristotélicos, iniciados em Oxford por I. Düring, em 1957; principalmente a partir do segundo em 1960, com o tema "Aristóteles e os problemas de Método" em Louvain (tradicional centro de estudos neotomistas), onde foram apresentadas duas célebres



conferências: "Sobre a noção aristotélica de aporia" de P. Aubenque e "Tithenai ta phainomena (*estabelecer o que se mostra*)" de G.E.L. Owen, estudiosos oriundos de duas das grandes correntes de filosofia no séc. XX, a fenomenologia e a filosofia analítica da linguagem.

Vale lembrar que os estudos sobre a Metafísica, principalmente a partir da obra de F. Brentano: *Das diversas determinações do ente em Aristóteles* (1862), estão na origem da Fenomenologia de Husserl e no projeto de Heidegger para uma ontologia como desconstrução da metafísica, – onde é decisiva sua interpretação da teoria aristotélica da verdade em *Ser e Tempo* (1927), §44 e em *Da essência da Verdade* (1943) buscando o fundamento da noção tradicional de adequação na livre manifestação prévia da coisa mesma, em seu aparecer como fenômeno.

Por outro lado, os estudos sobre racionalidade e linguagem do Estagirita influenciaram decisivamente o desenvolvimento das investigações acerca da linguagem ordinária empreendidas pelos alunos oxonianos de Wittgenstein, sobretudo no campo da semântica e da pragmática: principalmente Austin, com sua teoria dos atos de fala, inspirada na Retórica de Aristóteles, cujos discípulos mantêm a tradição anglo-saxônica de estudos peripatéticos: G.E.L. Owen, J. Ackrill, J. Barnes; também é um oxoniano aristotélico Ryle, o impulsionador das investigações filosóficas da mente (cf. *O conceito de mente*, 1949), entre outros: Strawson, Kripke etc. Igualmente importante no campo da lógica simbólica é a reinterpretção da teoria dos silogismos feita por Lukasiewicz em *A silogística de Aristóteles do ponto de vista da moderna lógica formal* (1951) e toda a problematização da lógica modal, do silogismo prático e da intencionalidade retomada por E. Anscombe, em *Intenção* (1957).

Também inspirada pelas obras do Filósofo foi toda a retomada das investigações éticas e da filosofia prática nos anos 60 e 70, sobretudo nas discussões suscitadas pelo neopragmatismo norte-americano, sob influência das teorias críticas da sociedade formuladas na escola de Frankfurt. Fazem parte desta tendência, na Alemanha, filósofos como K. O. Apel (*Transformação da Filosofia*, 1973) e J. Habermas (*Teoria do agir comunicativo*, 1981), e também filósofos de linhagem hermenêutico-fenomenológica como H. Gadamer (*Verdade e Método*, 1960) e H. Arendt (*A Condição humana*, 1958), que trabalharam especialmente a ética do discurso. Do lado anglo-americano



temos: A. McIntyre (Depois da Virtude, 1981) contrapondo-se à teoria política de Rawls, o economista A. Sen (Igualdade de quê?, 1982) e H. Jonas, que trata dos recentes problemas com o meio ambiente, entre os pragmatistas que defendem posições da ética aristotélica.

Mais preocupados com o funcionamento da efetividade mesma do discurso do que com seus efeitos ético-políticos também temos a nova abordagem da Retórica e dos Tópicos de Aristóteles pela Nova Retórica de C. Perelman (Tratado da Argumentação, 1958) e, entre os alunos de Aubenque, as análises das estratégias argumentativas de fundação da verdade na linguagem, do ponto de vista de uma disputa sofística pela consolidação da palavra como sentido, por M. Narcy e B. Cassin (A decisão do sentido, O livro Gamma da Metafísica de Aristóteles, 1989).

Por último, é preciso lembrar que a hegemonia da interpretação neotomista foi abalada mas os centros de filosofia de Louvain, e das Universidades Italianas continuam produzindo poderosos filósofos e historiadores da filosofia sempre afiados no conhecimento e na reflexão dos pensamentos aristotélicos e de suas interpretações contemporâneas. Entre eles, L. Couloubaritsis, que trouxe de volta à cena filosófica a Física de Aristóteles; G. Reale, um dos maiores pensadores contemporâneos da história da filosofia antiga e o também historiador da filosofia E. Berti, (As Razões de Aristóteles, 1989).

## Bibliografia

BERTI, Enrico, *Aristóteles no século XX*, trad. D. Macedo, São Paulo, Loyola, 1997.

REALE, Giovanni, *Introduzione a Aristotele*, Roma, Laterza, 1974.

AUBENQUE, Pierre, BRUNSCHWIG, Jacques, *Études aristoteliciennes*, Paris, Vrin, 1985.



*Prof. Borges*

